



Periferia

ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Rosa dos Santos, Maria Elisabeth

ENTREVISTA: O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO, SP.

Periferia, vol. 10, núm. 2, 2018, Julho-, pp. 231-238

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552157626014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ENTREVISTA
O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS NA
CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO, SP

Resumo

A entrevista foca duas mulheres líderes em educação, que atuam na organização não governamental Casa da Mulher - Associação de Estudo e Pesquisa de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. São elas: Adria Maria Bezerra Ferreira, professora aposentada, atual presidente da Casa da Mulher, professora, sambista e ativista do Movimento Negro. Maria Helena Ramos de Oliveira, artista plástica, mestre em Arte afro-latinoamericana e caribenha pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, escritora e poeta. Aos 75 anos de vida, Maria Helena Ramos de Oliveira e Adria Maria Bezerra Ferreira permanecem no cenário cultural de Ribeirão Preto produzindo narrativas, que não se restringem ao contexto local, pois há décadas participam da organização e lutas dos movimentos Negro e o de Mulheres. São educadoras culturais que vivenciam as intersecções de classe, raça-etnia, gênero e principalmente geração, pois participam com a juventude negra da mobilização poética contemporânea nos encontros do Sarau Preto. A entrevistadora é Maria Elisabeth Rosa dos Santos, pedagoga, supervisora da Secretaria Municipal de Educação de Mauá, São Paulo e membro WLE desde 2013, quando representou o Brasil na 4th WLE Conference, em Apam, Gana, África. A conversa aproxima duas cidades do estado de São Paulo, Ribeirão Preto, conhecida como a California brasileira e Mauá, município da região metropolitana, que recebeu em 2013 o selo de cidade Educadora da UNESCO.

Palavras chave: movimento negro; movimento de mulheres; sarau preto

INTERVIEW

THE PROTAGONISM OF BLACK WOMEN IN THE RIBEIRÃO PRETO'S CITY, SP

Abstract

The interview focuses on two women leaders in education, who work in the non-governmental organization Casa da Mulher - Study and Research Association of Ribeirão Preto, in the state of São Paulo. They are: Adria Maria Bezerra Ferreira, retired teacher, current president of the House of Women, teacher, sambista and activist of the Black Movement. Maria Helena Ramos de Oliveira, artist, master in Afro-Latin American and Caribbean Art by the Graduate Program in Integration of Latin America at the University of São Paulo, writer and poet. At age 75, Maria Helena Ramos de Oliveira and Adria Maria Bezerra Ferreira remain in the cultural scene of Ribeirão Preto producing narratives that are not restricted to the local context, because for decades they have participated in the organization of women's movements in the city. They are cultural educators who experience the intersections of class, race-ethnicity, gender and especially generation, because they participate with the black youth of the contemporary poetic mobilization in the meetings of Sarau Preto. The interviewer is Maria Elisabeth Rosa dos Santos, pedagogist, supervisor of the Municipal Department of Education of Mauá, São Paulo and member of WLE since 2013, when she represented Brazil at the 4th WLE Conference in Apam, Ghana, Africa. The meeting brings together two cities in the state of São Paulo, Ribeirão Preto, known as the Brazilian California and Mauá, a municipality in the metropolitan region, which received the UNESCO Educator City seal in 2013.

Keywords: black movement; women's movement; black sarau



Adria Maria Bezerra Ferreira (esq.) e Maria Helena Ramos de Oliveira (dir.)

Maria Elisabeth Rosa dos Santos (Santos) - Vocês são educadoras aposentadas formalmente, mas prosseguem trabalhando com as áreas da Educação, Cultura e Mulheres Negras. Por quê?

Maria Helena Ramos de Oliveira (Ramos de Oliveira) - Acreditamos que a educação brasileira precisa fazer um viés plural, discutir as diferenças, o racismo, a misoginia, as questões de gênero e questões étnico-raciais além de desmistificar todos os preconceitos para tornar nossa sociedade melhor e mais solidária. Isto é, do nosso ponto de vista, uma constatação e ao mesmo tempo uma denúncia de que os cenários social e cultural brasileiro não apresenta oportunidades à Mulher Negra. A sociedade não a empodera, ao contrário, muitas vezes torna-a invisível, desvalorizada, subalterna em todas as situações de vida; viola sua integridade física e emocional; nega sua participação na construção da sua própria história e traduz seu corpo enquanto objeto sexual.

Adria Maria Bezerra Ferreira (Ferreira) - Essa exclusão é cultural em todo o Brasil e faz parte de um racismo estrutural que acompanha a educação e a formação da sociedade brasileira. Por isso não podemos nos aposentar.

Continuamos a desenvolver projetos e participar de atividades formativas, principalmente aquelas com a presença de jovens e de mulheres negras.

(Santos) - A cidade de Ribeirão Preto possui um histórico de mobilização da população negra?

(Ferreira) - Sim, nossa população negra sempre se organizou em grupos culturais no período pós abolição, final do século XIX e início do XX com “movimentos sociais negros” como a “Sociedade dos Homens de Cor”, “Clube José do Patrocínio”, “Grupo Cativeiro de Capoeira”, espaços de recreação, lazer e esporte.

(Ramos de Oliveira) - Estes grupos citados pela Adria, sempre foram comandados por homens, que reservavam para as mulheres o papel de coadjuvantes. Sabemos que, de fato, as mulheres estavam na base organizativa, mas os nomes que apareciam eram dos homens. Isso é compreensível se considerarmos que naquela época estas organizações assimilavam o reflexo da sociedade patriarcal, na qual as relações de dominação/subordinação estruturavam as relações homem/mulher.

(Santos) - Qual era realmente a condição das mulheres?

(Ramos de Oliveira) - Esta sociedade patriarcal mantinha a subordinação das mulheres tolhendo a sua liberdade e elas em sua maioria permaneciam em casa realizando seus afazeres domésticos e cuidando da casa e da família. As mulheres negras realizavam as atividades de trabalho doméstico em casas de famílias da elite da cidade, sem direitos trabalhistas e com baixos salários. Era a continuidade das relações desiguais sedimentadas na escravidão, porém com a “legalização” e precarização permitidas pela sociedade. Ainda hoje, nos centros urbanos, o trabalho de empregada doméstica é exercido pela maioria das mulheres negras do país, talvez como último resquício da escravidão brasileira.

(Santos) - E a participação dos/nos movimentos sociais?

(Ferreira) - As décadas de 1970 e 1980 foram produtivas no campo do ativismo. O Brasil ainda vivia as consequências do Golpe de 1964, da Intervenção Militar finalizado em 1985. Foi o período da repressão aos movimentos sociais e da ampliação da exploração aos trabalhadores e Ribeirão Preto, por sua vez, também sofria as consequências da ditadura militar, com intervenção pontual das forças do Exército brasileiro.

(Ramos de Oliveira) - Grupos de estudantes e trabalhadoras/es resistentes ao regime político (ou ordem política) foram formados e consequentemente sofreram torturas e prisões. Enquanto a maioria da população desconhecia os acontecimentos, mulheres que atuavam na Igreja Católica em especial as moradoras dos bairros Quintino Facci I, Quintino Facci II, Simione e Parque Avelino Alves Palma resistiam e discutiam a situação política do país. No fim dos anos setenta e início da década da Mulher (1980), proclamada pela ONU, iniciava-se o processo de redemocratização do país com uma ampla participação feminina, sobretudo na mobilização em prol da nova constituição. Estes movimentos representaram um fortalecimento significativo nas relações entre homens/mulheres, pois enquanto a maioria da população desconhecia os acontecimentos políticos do país e da cidade de Ribeirão Preto, eles e elas tinham a plena consciência de que somente com ações cooperativas entre si poderiam amenizar parte dos problemas.

(Santos) - Quais eram as demandas das mulheres?

(Ramos de Oliveira) - Ao contrário do senso comum, que propaga uma ideia de que as donas de casa são alienadas, muitas mulheres possuíam uma consciência política e crítica da situação em que viviam e lutavam pelo melhoramento da cidade. Reivindicavam a construção de escolas, principalmente de creches, saneamento, asfalto, bases de segurança, linhas de telefone, transporte urbano, espaços de cultura, esporte e lazer. Mas, também havia espaço nos grupos organizados para pensar em seus problemas familiares, como a violência doméstica. No coletivo havia espaço para relatos, orientação sobre direitos,

inclusive, com encaminhamento de mulheres aos poucos serviços públicos de atendimento jurídico, que havia na cidade.

(Ferreira) - As reuniões aconteciam em espaços cedidos, como casas das participantes e na igreja. Posteriormente, com o resultado de suas lutas conquistaram o empréstimo de um espaço na sede do CAP - Círculo de Ação Popular José Rosa Neto, no conjunto Quintino Facci II. Os trabalhos se intensificaram e mais mulheres passaram a participar das atividades. Este foi o início do Movimento de Mulheres da cidade de Ribeirão Preto nos anos 1970 e 1980 consolidando políticas públicas de gênero na cidade.

(Santos) - *Quando foi criada a Casa da Mulher?*

(Ferreira) - A Casa da Mulher foi criada em 1999, por um grupo de mulheres negras feministas, que realizavam ações de ativismo. A entidade é resultado desse trabalho coletivo de duas décadas. Essas mulheres eram residentes de bairros periféricos e pertenciam aos núcleos de famílias de trabalhadores/as de várias categorias profissionais de baixo poder econômico, como servidores públicos, pedreiros, pintores, encanadores, calheiros, eletricistas, empregadas domésticas, lavadeiras, babás, prestadores de serviços informais, etc. Muitas residiam em conjuntos habitacionais, longe do centro urbano da cidade de Ribeirão Preto. Eram mães de família, com atividades voltadas para serviços do lar, sem perspectivas de trabalharem em outros espaços.

(Santos) - *Como vocês analisam a interseccionalidade entre as questões de classe, gênero e raça na cidade?*

(Ramos de Oliveira) - A população negra já possuía uma organização há anos, porém não havia visibilidade dos seus trabalhos. Não estamos negando a relevância e resistência dos “movimentos sociais negros” históricos, a “Sociedade dos Homens de Cor”, “Clube José do Patrocínio”, “Grupo Cativeiro de Capoeira” e outros que os sucederam. Estamos refletindo sobre como as ações culturais e políticas em prol dos negros eram desconsideradas pelas elites. A questão racial e o racismo sempre foram evidentes na cidade, porém vivia-se um “racismo cordial”, expressão contraditória cunhada pelo jornal

Folha de S. Paulo, quando promoveu pesquisa sobre o racismo brasileiro. De um lado, a crença na democracia racial por parte da sociedade. De outro, a população negra ciente das desigualdades socioeconômicas, porém impossibilitada de transpor os espaços determinados e delimitados na cidade, isto tem a ver com a questão da classe social, mas também com o pertencimento racial.

(Ferreira) - É importante dizer que essa delimitação mencionada pela Maria Helena não era dada por uma lei segregacionista, como o apartheid, mas tinha força ideológica de costume, sem maiores questionamentos ou conflitos de ideias.

(Ramos de Oliveira) - Algumas ações das mulheres favoreceram a intersecção das questões de classe, gênero e raça. Mas isso se dava sem a reflexão que adquirimos posteriormente, ou melhor, durante os estudos e trocas com outros grupos. Gosto (Maria Helena) de citar as senhoras mais ousadas da cidade. Elas formaram o grupo das “Dez Mais”, que organizava bailes, encontros, viagens propiciando intercâmbio com grupos de outras regiões e com a participação dos homens. Dentre as suas fundadoras estão Dona Etermiza, Candinha, Maria do Rosário, que além de serem donas de casa, com filhos e companheiros viviam plenamente suas vidas em ações culturais, politizadas.

A interseccionalidade entre os anseios juvenis e a questão racial deu-se a partir do contato com os movimentos negros da cidade de São Paulo, capital do estado. Dentre esses grupos, o Movimento Negro Unificado - MNU, fundado em 1978 foi inspirador para a juventude local, que fundou o Movimento Negro de Ribeirão Preto. As jovens mulheres negras passaram a debater as questões de gênero e racismo.

(Santos) - *E nos dias atuais, há participação da juventude?*

(Ramos de Oliveira) - Para falar do presente, ainda precisamos lembrar o passado, quando surgiu o “Grupo Travessia”, que foi criado por jovens negros e negras integrantes do Clube José do Patrocínio, dentre eles Adria Maria e seus pares, Maria D. Bezerra Ferreira (Tica) e Pedro Paulo da Silva. O Travessia foi um dos organizadores do 2º. Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU), na

cidade de RP, com o objetivo de tornar visíveis as questões raciais do país, as reivindicações das mulheres pautando, naquela época, os direitos humanos e a cidadania. O Travessia também organizou a primeira “Roda de Poemas” em RP, nos moldes do que já acontecia em São Paulo, no Centro Cultural de Arte Negra - CECAN, no bairro do Bexiga.

Hoje, a cidade abriga o Sarau Preto, que teve a sua primeira edição em julho de 2014, quando os jovens Daniel Ramos, mestre em Antropologia e Anna Silva, arquiteta participaram do Salão de Ideias da 14ª Feira Nacional do Livro. Desde 2014, o Sarau Preto acontece em edições mensais reunindo pessoas de diferentes faixas etárias, etnias, gênero, graus de instrução, que produzem poemas e promovem a cultura periférica. O evento tornou-se um presente cultural, que transborda alegria e entusiasmo; reúne pessoas que chegam tímidas e aos poucos vão se revelando através da poesia, do canto e da dança. São em sua maioria jovens negras(os), homens e mulheres, que querem expressar seus sentimentos, mas não tinham voz.

(Santos) - E vocês se sentem ambientadas? São discriminadas pela idade?

(Ferreira) - Eu me vejo de volta aos anos setenta. É um sentimento muito bom.

(Ramos de Oliveira) - O meu neto Daniel é um dos idealizadores. Ele poderia, como alguns netos, não querer a avó por perto, mas ao contrário. Sou também escritora e poeta e me sinto mais do que acolhida. Gosto muito de ouvir o que essa juventude pensa e escreve, principalmente quando se apresentam individualmente de cabeça erguida dizendo, com orgulho, "sou sim da periferia".